

GT42: Experiências contra-hegemônicas em Memória Social e Patrimônio Cultural

Regina Abreu, José Maria da Silva

O GT pretende reunir trabalhos que focalizem experiências contra-hegemônicas no campo da Memória Social e do Patrimônio Cultural construídas à margem e em dissonância com o neocolonialismo. A intenção é abordar propostas, caminhos e perspectivas que coloquem em cena diferentes paradigmas culturais e de outros processos civilizatórios, com seus sistemas de conhecimento e práticas de memorização que foram e são invisibilizados. Especial atenção será conferida a referências de memória coletiva e social entre populações quilombolas e indígenas, comunidades tradicionais, coletivos emergentes, coletivos de mulheres, movimentos sociais, entre outros segmentos, expressas pelos sistemas singulares de produção agrícola, de conhecimento medicinal e ambiental, de visões de mundo, de cartografias sociais, culturais e de lugares de memória, de fabulação em torno do mágico e do sagrado, de mitos e rituais. Procuraremos perceber a atualidade de formas expressivas de relacionamento com diferentes concepções de tempo e de patrimônios, onde habitam seres humanos e não humanos, nos quais são partilhadas diferentes formas de ordenação do pensamento, da memória social e da relação com a terra e o meio ambiente, como em eventos alusivos à memória de movimentos sociais, em feiras de troca de sementes crioulas, em iniciativas de hortas e farmácias comunitárias, em processos de autodemarcação territorial, em reivindicações de propriedade intelectual, entre outros.

Memoração e contra-hegemonia no muralismo zapatista: o patrimônio indígena desde "abajo y a la izquierda"

Autoria: Bianca Rihan Pinheiro Amorim

O objetivo desta proposta se trata de defender/apresentar os murais coloridos, confeccionados pelo movimento zapatista em seu território autônomo, no sudeste do México, como patrimônio indígena. Patrimônio, no entanto, definido não via chancela do Estado - como pretensão marcador da memória hegemônica nacional - mas pela organicidade dos grupos que produzem e se apropriam de tais artefatos como patrimônio sócio-histórico, dialético e dialógico, sobre os quais ainda é possível atuar e encaminhar a luta social. Permeando tanto o complexo material como o complexo mágico e poético, ou seja, simbólico, de criação, afeto e devir, as reflexões a serem desenvolvidas na comunicação se voltam para a mediação e a "memoração" de diferentes agentes técnicos, sociais e culturais que participam da experiência muralista nos "caracóis" de Chiapas. Contudo, para além das tantas camadas constituintes do saber-fazer coletivo, a proposta sublinha as estruturas de violência que atravessam o território indígena zapatista. Os murais, por sua vez, passam a ser compreendidos não apenas como zonas de prosa coletivas, mas como registros disseminados a partir de comunidades em "resistência e rebeldia", em um zoneamento de guerrilha. Atualiza-se, pois, a dimensão do patrimônio como fruto de ações intersubjetivas, produzidas como (contra)ataques às superestruturas e às estruturas que operam como máquinas de pasteurização e opressão de corpos e epistemologias "desviantes". A atenção a essa condição me faz observar os murais como espaços permanentes de (re)construção da memória, pautada na vida prática e na defesa de indígenas e de outros grupos sociais subalternizados. Permite-se, pois, a alteração e/ou apagamento de imagens e mensagens na medida em que se atualizam as experiências e expectativas de tais coletividades, em dada conjuntura. Neste momento em que a América Latina sofre os efeitos mais agressivos de mercados e Estados praticamente autocráticos e seus dispositivos sociais legitimadores de práticas racistas e neocoloniais que avançam a olhos vistos contra as populações pobre, negra e indígena, a disputa pelos índices sociais nos murais se faz

presente em todo o processo de observação da pesquisa. Desse modo, o enquadramento da memória coletiva pela memória oficial dá lugar a um "patrimônio vivo", ou espaços de interação em que diferentes comunidades discursivas, membros de diferentes etnias indígenas e realidades sócio-políticas apresentam a si e ao movimento zapatista e literalmente criam e recriam as possibilidades de um "outro mundo possível" pela mobilização de artefatos para a luta. Isto é, pela mobilização do patrimônio muralista indígena desde "abajo y a la izquierda".

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

